



DESENVOLVIMENTO  
E MEIO AMBIENTE

BIBLIOTECA  
DIGITAL  
DE PERIÓDICOS  
BDP | UFPR

revistas.ufpr.br

## Roda de conversa sobre riscos de desastres associados a deslizamentos na Rocinha (Rio de Janeiro, Brasil): experiências de luta, resistência, saberes e arte

### *Round of conversation on landslide disaster risks in the Rocinha favela (Rio de Janeiro, Brazil): experiences of struggle, resistance, knowledge and art*

Caterine REGINENSI<sup>1</sup>, Marcos Barreto de MENDONÇA<sup>2</sup>, Teresa DA-SILVA-ROSA<sup>3\*</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Vila Velha (UVV), Vila Velha, ES, Brasil.

\* E-mail de contato: tsrosaprof@gmail.com

Artigo recebido em 26 de fevereiro de 2021, versão final aceita em 6 de abril de 2022, publicado em 23 de dezembro de 2022.

**RESUMO:** Os desastres associados a deslizamentos de terra revelam uma organização socioespacial desigual, caracterizada pela ocupação rápida e informal de áreas suscetíveis a estes eventos adversos. Estes afetam principalmente populações mais pobres com elevado grau de vulnerabilidade, cujas demandas sociais são frequentemente negligenciadas pelo poder público. O presente trabalho, portanto, visa apresentar e discutir a experimentação do método roda de conversa para troca de saberes entre acadêmicos e representantes da população exposta na comunidade da Rocinha, uma das favelas do Rio de Janeiro. Trata-se de uma adaptação do método *photovoice* para a promoção de debates entre acadêmicos das áreas de antropologia, engenharia e sociologia com moradores da favela, tendo sido associado a uma intervenção artística. A roda de conversa contribuiu para a emancipação dos diferentes sujeitos ao proporcionar a interação reflexiva a partir de suas experiências vividas de luta, resistência e produção de saberes. Além disso, as imagens usadas suscitaram discussões sobre temas, tais como reassentamento, políticas públicas locais e solidariedade entre moradores. Por último, o olhar artístico traduziu o debate na criação de um grafite que ficou de legado na comunidade.

*Palavras-chave:* roda de conversa; risco de desastres; deslizamentos; arte; Rocinha.

**ABSTRACT:** Landslide disasters are often the result of an unequal socio-spatial organization, characterized by the rapid and

---

haphazard occupation of susceptible areas. Such adverse events primarily affect poor populations with a high degree of vulnerability, while their social demands are often neglected by local authorities. This paper presents and discusses the use of the round-of-conversation method for knowledge and information exchange between academics and representatives of the exposed population in the community of Rocinha, a favela in Rio de Janeiro. It is an adaptation of the photovoice method for the promotion of debates between academics from the fields of anthropology, engineering and sociology, and residents, and was complemented by an artistic intervention. The round-of-conversation method contributed to the empowerment of the participants by providing a forum for reflective interaction based on experiences of struggle, resistance and knowledge production. Therefore, the images used during the experience stimulated the discussions on topics such as resettlement, local policies and solidarity among the inhabitants. Lastly, the artistic perspective translated the debate into the creation of a piece of graffiti art, which remained in the community as a legacy.

*Keywords:* round-of-conversation; disaster risk; landslides; art; Rocinha.

## 1. Introdução

Este artigo pretende compartilhar a experiência da “roda de conversa” enquanto um método adaptado por pesquisadores vindos de diferentes áreas do conhecimento e utilizado nas atividades acadêmicas de pesquisa e extensão dos mesmos. Compreendemos a roda de conversa como um recurso em constante desenvolvimento na medida em que podemos adaptá-la às características próprias dos territórios nos quais a utilizamos, visto seu caráter multidimensional, multiescalar e multifatorial. Inspirada na vertente teórica decolonial (Ferdinand, 2019; Santos, 2019), procuramos adotar uma perspectiva crítica sobre a universalização de conhecimentos típica da ciência moderna, na medida em que reconhecemos e valorizamos as especificidades territoriais.

A temática comum aos autores deste artigo é a situação de riscos de desastres em áreas periféricas do sistema capitalista, a qual buscamos compreender como um fenômeno histórico e socialmente construído e, portanto, complexo (Wisner *et al.*, 2004; Valencio, 2010; Beck, 2011; Oliver-Smith *et al.*, 2017). A complexidade dos territórios se ex-

pressa em vários âmbitos, inclusive com relação aos sujeitos implicados direta ou indiretamente neles. Na arena da governança dos riscos de desastres, encontramos a presença de múltiplos atores, desde o poder público com suas políticas de ordenamento territorial (Valencio, 2009a) até as populações vulnerabilizadas pelo processo de expansão capitalista (Marchezini, 2015), passando pela comunidade científica (UNISDR, 2015). Este conjunto de sujeitos é, de alguma forma, apreendido pelo processo de expansão capitalista através de um discurso desenvolvimentista, criador de trajetórias modernas, caracterizadas por situações de injustiça ambiental, de insustentabilidade e de invisibilidade dos territórios assujeitados às forças internacionais desta expansão. Estas últimas colocam frequentemente tais territórios numa cadeia global de exploração de seus elementos constitutivos – indo da mão de obra de sua população aos outros recursos existentes (minerais, vegetais, edáficos, hídricos e outros). Tal exploração é, muitas vezes, intensiva e tem como aliados setores nacionais ou locais, sejam econômicos sejam políticos.

Nessa linha, os planos, projetos e políticas de redução de risco de desastres têm sido pautados para

---

o enfrentamento das ameaças (processos físicos) na maioria das vezes, provocando o negligenciamento da necessidade de uma mudança estrutural da sociedade desigual (processo social) subjacente aos riscos de desastres. No âmbito geral, a literatura vem apontando que os desastres associados a deslizamentos de terra vêm aumentando em magnitude, frequência e território envolvido (CEPED-UFSC, 2013). Esses desastres revelam formas de organização socioespaciais com desigualdades e disputas de território evidentes, favorecendo uma ocupação rápida e informal de áreas naturalmente susceptíveis a eventos adversos. As suas populações apresentam um elevado grau de vulnerabilidade diante dessas ameaças, ao mesmo tempo em que suas demandas sociais são frequentemente negligenciadas pelos governos.

É neste contexto complexo que se situa a experiência metodológica da roda de conversa ocorrida na Favela da Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro, em 2019. A Rocinha tem um histórico de desastres relacionados a deslizamentos deflagrados pelo efeito das chuvas (GEORIO, s.d.), revelando, entre outros fatores, o processo de ocupação intensa das encostas que definem seu território, bem como as lacunas relacionadas à atuação do poder público. Esta roda foi mais uma forma de aproximação com o território, buscando motivar o compartilhamento de conhecimentos dos pesquisadores e de saberes dos moradores a partir das suas práticas, além de buscar publicizar os saberes construídos através dessa interação. Tal experiência consiste em uma estratégia metodológica em construção, sendo uma possível ferramenta capaz de contribuir para a compreensão da complexidade inerente aos territórios. No presente caso, ela se volta para a temática dos riscos de desastres.

O trabalho realizado na Rocinha foi fruto de uma interação entre o AntropoArte, da Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF, RJ), o projeto de pesquisa e extensão Encosta Viva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais, da Universidade Vila Velha (UVV, ES), tendo sido associado a produção de um artista internacional (2SHY), que se efetivou com base nas narrativas dos participantes da roda. Essas narrativas se fazem importante, pois Wisner (2016) considera que, através de ferramentas de gestão comunitária, especialistas em riscos e desastres (especialistas “certificados”) e os moradores locais com conhecimento e experiência local quanto ao tema (especialistas “não certificados”) podem juntar forças para identificar, mapear e diagnosticar ameaças e vulnerabilidades de forma a reduzir os prováveis impactos dos desastres. Esse pensamento está alinhado com o Marco de Sendai para a Redução de Riscos de Desastres (UNISDR, 2015), que tem entre seus princípios norteadores o empoderamento e a participação inclusiva, com foco nas pessoas afetadas por desastres, em especial os mais pobres. Este documento preconiza, entre as ações prioritárias, o intercâmbio entre saberes e práticas científicas e tradicionais para o desenvolvimento e a implementação de políticas, estratégias e planos adequados ao contexto local.

Este artigo, portanto, apresenta e discute a experiência deste tipo de intercâmbio realizada na Favela da Rocinha, percorrendo sobre o método e seus resultados. Ele está estruturado em três partes, para além da introdução e conclusão. A parte 2 discute a problemática dos desastres em favelas, as quais, com base na experiência vivida de luta e de resistência por melhores condições de vida, são

---

áreas de produção de saberes importantes para se compreender as questões relacionadas à redução de riscos de desastres. Na parte 3, caracterizamos o objeto de pesquisa, ou seja, a Rocinha como território onde se constituem processos de luta e de resistência por justiça socioambiental, bem como de construção social de riscos. Por fim, a parte 4 discute, a partir do método roda de conversa, as narrativas dos moradores com base em suas experiências vividas em um contexto de riscos e de desastres. Também é apresentada nesta última parte a criação de uma obra doada à comunidade pelo artista visual 2SHY que se inspirou nessas falas.

## ***2. A problemática dos desastres em favelas: desigualdades, disputas e saberes***

### *2.1. Favela carioca como lugar de moradia e de luta*

O trabalho inestimável de Valladares (2005) mostrou a diversidade e complexidade que se escondem atrás do termo favela, colocando um desafio em termos teóricos e metodológicos para os pesquisadores interessados em trabalhar neste campo. A autora discute a influência do Padre Lebre e do movimento Economia e Humanismo, sob a égide dos quais foi realizado o estudo “Aspectos humanos das favelas cariocas”, conduzido pela SAGMACS (Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais), publicado em

1960, no jornal O Estado de São Paulo<sup>1</sup>. A análise dessa autora revela conexões inusitadas, como a semelhança de métodos e princípios utilizados no estudo da SAGMACS e aqueles da Escola de Chicago, tais como: a importância do trabalho de campo de natureza qualitativa, utilizando múltiplas fontes, em conjugação com métodos quantitativos; a articulação entre pesquisa e ação social, tendo o bairro como foco de intervenção; a adoção de uma abordagem multidisciplinar, associando aportes da Sociologia, Antropologia, Geografia, Economia e outras Ciências Sociais. Gonçalves (2010) ressalta o papel da história e do poder político na construção das favelas cariocas, assim como o lugar ocupado pela favela e seus moradores no debate político e social na primeira metade do século XX.

Nos anos 70, o crescimento vertiginoso de favelas fez surgir movimentos populares em todas as grandes cidades do país, incluindo o Rio de Janeiro, que reivindicavam, em um primeiro momento, o acesso a serviços urbanos. Esses movimentos também procuravam a luta pela terra e pelo direito à localização na cidade. Instituições religiosas e setores do Estado, principalmente aqueles ligados à área de serviço social, se aliaram a essa resistência. Tais movimentos construíram um posicionamento de que os moradores, vistos como invasores assentados por certos atores, tinham o direito de ficar lá apesar das condições de habitabilidade serem muito precárias e de viverem expostos a diversas ameaças ambientais, como inundações e, principalmente, deslizamentos (Fernandes *et al.*, 1999). Neste

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar o colóquio “Aspectos Humanos da Favela Carioca: ontem e hoje”, realizado pelo Laboratório de Etnografia Metropolitana, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LeMetro/IFCS-UFRJ), em maio de 2010, e que gerou uma coletânea publicada em 2012 visando homenagear o cinquentenário da pesquisa pioneira da SAGMACS realizada sob a coordenação do sociólogo José Arthur Rios.

---

contexto, surgiram movimentos contra a remoção, procurando garantir aos moradores este direito de habitar o território e o acesso a serviços básicos, mesmo expostos às ameaças. Administradores e técnicos governamentais procuraram propostas de política urbana para a favela que tornassem coerentes essas reivindicações de “urbanizá-la”, trazendo-a para uma dada concepção de cidade.

Neste contexto, o Núcleo FACI (Favela e Cidadania), da Escola de Serviço Social (UFRJ), desenvolveu uma pesquisa nos anos 2000<sup>2</sup> voltada para a análise crítica dos programas e políticas habitacionais. Essa pesquisa partiu, inicialmente, de uma leitura das favelas como territórios da cidade que guardam um sentido de “lugar” (Certeau, 1994). Dentro desta perspectiva e no âmbito da cidade, o uso do espaço da favela contemplaria a complexidade de situações vivenciadas pelos habitantes, o que é um desafio para a pesquisa destes territórios. O caso da favela da Rocinha é revelador desta complexidade do universo das favelas cariocas, colocando-a como foco de uma ampla reflexão por diversos atores sociais desde há alguns anos, inclusive revendo o estereótipo de “território de exclusão”.

## *2.2. Riscos, população vulnerabilizada e saberes: referenciais para rodas de conversa*

Os desastres associados a eventos naturais, como os deslizamentos, afetam de forma desproporcional as populações mais pobres (UNISDR, 2015; Alcantara-Ayala *et al.*, 2015; Hallegatte *et al.*, 2017). No geral, estas estão mais expostas às ameaças e têm maior vulnerabilidade e menor capacidade de lidar com e se recuperar dos impactos permanentes em várias dimensões de seus cotidianos, como na educação, saúde e economia das famílias (Hallegatte *et al.*, 2017). Isso mostra que a problemática dos riscos e dos desastres está associada ao processo de uso, ocupação e apropriação do solo urbano que, em áreas periféricas do sistema mundo, se concretiza com mais frequência no espaço das favelas<sup>3</sup>. Estas se situam em áreas inicialmente desvalorizadas das metrópoles, como periferias ou locais ambientalmente inapropriados, entendidas como margens. Estas margens podem ser apreendidas como não sendo somente “um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade”, tal como sugere Kilomba (2019, p. 68) quando faz referência em seu argumento a bell hooks<sup>4</sup>. Povoados de comunidades vulnerabilizadas pelo processo de urbanização capitalista típico da modernidade, o território de tais margens é “como um ‘espaço de abertura radical’ (hooks, 1989) e criatividade, onde novos discursos críticos se dão” (Kilomba, 2019, p. 68).

<sup>2</sup> A equipe do FACI desenvolveu trabalho de campo na Rocinha em 2003, no âmbito de uma pesquisa internacional “Habiter quelle ville?: Situations d’homogénéisation résidentielle et (re)définition de l’urbain et de l’urbanité dans les Amériques” e se beneficiou de uma ajuda financeira do Governo francês, através do programa “Habitat e vida urbana”. O trabalho de campo foi desenvolvido de agosto a dezembro 2002, em vários espaços residenciais da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa comparativa, com a participação de equipes multidisciplinares em cinco cidades das Américas (Buenos Aires, Caracas, México, Bogotá e Los Angeles), tratando do processo de homogeneização residencial e do habitat.

<sup>3</sup> Na terminologia oficial do IBGE (2010), eles são os aglomerados subnormais. O que seria o “normal” para ser tomado como referência? A lógica da modernidade de uso de recursos naturais, como o solo urbano, que ignora o funcionamento dos sistemas aí previamente existentes?

<sup>4</sup> A referida autora assina em letras minúsculas.

---

Estes discursos são críticos aos processos históricos de organização social que caracterizam o território. Enquanto narrativas dos moradores, tais discursos não são somente marginalizados por terem criticamente um caráter de resistência aberta a novas possibilidades de lógicas de apreensão, compreensão e construção territorial. Estas narrativas são marginalizadas por serem também provenientes de populações assujeitadas pelos processos hegemônicos de cunho capitalista, responsáveis pela organização social na modernidade periférica.

No caso de áreas de risco de desastres, a percepção dos moradores, na maioria das vezes considerados ou nomeados de ignorantes, preguiçosos, teimosos ou desqualificados, é ainda desprezada por especialistas e gestores públicos. Estes procuram evidenciar uma suposta superioridade intelectual e moral, atitude que representa justamente a ignorância dos mesmos (Valencio, 2009b). Em outras palavras, isso se refere, em grande medida, a um não reconhecimento das populações locais e das suas dinâmicas territoriais. Em suma, as realidades compoendo as narrativas locais são “realidades banidas” (Morin, 2007) de processos políticos, os quais desconsideram o papel de saberes outros que o científico, bem como da participação popular para a compreensão da multidimensionalidade territorial.

Segundo Finlay & Fell (1997), em um sistema de gestão de risco associado a deslizamentos, se não há investigações sobre os sentimentos e juízos dos moradores, as decisões propostas para sua redução serão baseadas em suposições em nome de um público que nem foi consultado e nem reconhecido. Mendonça & Gullo (2020) mostram que o levantamento dos saberes e percepções dos sujeitos expostos a ameaças de deslizamentos é necessário para identificar e compreender diferentes dimensões

de vulnerabilidade frente a estes eventos para que, a partir disso, se alcance ações de redução de riscos mais eficientes. Isso também é reforçado em Freitas & Coelho Netto (2022) como se verá mais adiante.

Tal levantamento de narrativas é fundamental ainda mais em uma leitura teórica com base na matriz da ecologia de saberes proposta por Santos (2019) como leitura decolonial de mundo. Enquanto narrativas, estes saberes e percepções seriam, consequentemente, “conhecimentos nascidos na luta, [na qual] a construção do conhecimento é a dimensão cognitiva da própria construção e desenvolvimento da luta” (Santos, 2019, p. 194-195). Tal construção acaba sendo, portanto, “o reflexo da ação e, ao mesmo tempo, constituem uma reflexão sobre a própria ação” (Ibid, p. 195). Neste contexto, tais narrativas dos moradores podem ser entendidas como sendo o produto de um processo de construção reflexivo a partir das ações, experiências dos sujeitos através das suas interações cotidianas com os vários elementos constituintes de seu território.

Através das narrativas, tais experiências podem ser vistas como sendo “uma concepção testemunhal de verdade e para uma relação imediata e intensa com os fatos” (Santos, 2019, p. 125) presentes nos relatos que emergem daqueles sujeitos durante as rodas de conversa. Enquanto tal, as narrativas desvelam, portanto, testemunhos de uma realidade experienciada cotidianamente, “experiências sociais de injustiça e opressão causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado” (Ibid, p. 126). Santos (2019) afirma que é esta compreensão de experiência vivida pelos sujeitos assujeitados pela matriz capitalista nas áreas periféricas que é importante para as epistemologias do Sul. Fazendo recurso a Sarukkai (2012 *apud* Santos, 2019, p. 126), Santos (2019) delimita a experiência vivida como sendo ou

---

aquela inevitável e concreta ou aquela que o sujeito tem a escolha de vivê-la ou não.

Estas experiências compõem o que é considerado, nesta perspectiva, como sendo “conhecimento artesanal” (Santos, 2019), isto é, o saber não cientificamente produzido com base na experiência vivida pelos sujeitos assujeitados pela racionalidade capitalista de construção de riscos, que submete as populações das margens às injustiças socioambientais. Tal conhecimento emerge, conseqüentemente, da experiência vivida de luta e resistência de populações vulnerabilizadas (Id., 2019, p. 209) por melhores condições de vida. Este saber é capaz de sustentar e legitimar a luta dos sujeitos vulnerabilizados ou *em processo* de vulnerabilização, visto que a racionalidade capitalista está em desenvolvimento cotidiano produzindo e/ou reforçando tais injustiças (Leff, 2006). Santos propõe ainda o conceito de “conhecimento-na-luta” como sendo aqueles “produtos e produtores de lutas em processo constante de reconstrução” em um determinado tempo e espaço (2019, p. 123).

Neste sentido, Leff (2006) emprega a noção de “diálogo de saberes” como estratégia epistemológica proporcionando o “reconhecimento dos saberes – autóctones, tradicionais, locais – que aportam suas experiências e se somam ao conhecimento científico” (Ibid, p. 375). A reflexão de Leff (2006) pode ainda contribuir com a ecologia de saberes na medida em que considera importante estar aberto à diversidade de outras visões de mundo, as quais poderão ter “interesses contrapostos” a serem negociados num contexto de compreensão de territórios complexos (Ibid, p. 375).

Tais concepções epistemológicas se relacionam ao que Morin (2007) traz, na sua construção do conceito de complexidade, como sendo a integração

de leituras das realidades “banidas pela ciência clássica” (Ibid, p. 52) por não terem sido estabelecidas de acordo com os preceitos da abordagem científica cartesiana positivista. Nesta direção, Freitas & Coelho Netto (2022, p. 101) em suas pesquisas consideram que “o conhecimento popular tende a complementar o conhecimento dos técnicos” como forma de consolidar os processos de participação cidadã em territórios com suscetibilidade aos deslizamentos. Além disso, estes autores consideram que estes conhecimentos populares, reconhecidos e considerados pelos atores sociais territoriais, contribuiriam para a construção de “novos saberes no diálogo com os saberes técnico-científicos” (Id., p. 114). Seguindo, portanto, os preceitos do Marco de Sendai de praticar a gestão participativa de riscos que inclua, principalmente, os atores sociais potencialmente mais afetados, é importante proporcionar uma junção de forças através da interconexão, citada por Wisner (2016), entre estes saberes construídos pela experiência vivida de luta e resistência das populações vulnerabilizadas e os saberes científicos.

Nesta perspectiva teórica decolonial e no seu recorte das epistemologias do Sul, a roda de conversa enquanto método pode ser uma oportunidade de se trazer à tona estes saberes ou conhecimentos artesanais constituídos com base nas estratégias de lutas e de resistências experienciadas cotidianamente pelas populações vulnerabilizadas expostas a ameaças ambientais. Este método busca se inspirar na noção da ecologia de saberes que reconhece e integra, como forma de contribuir para a luta e a resistência destas populações, a “copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles” (Santos, 2019, p. 28).

---

Deste modo, a roda de conversa é ainda concebida como uma estratégia de promoção de diálogo (Santos, 2019) entre diferentes sujeitos capazes de contribuir minimamente para a construção de conhecimento em duas frentes. Por um lado, ela favorece o conhecimento artesanal na medida em que os atores-sujeitos dos territórios podem, através da roda, fazer uma (auto) reflexão sobre as suas experiências. Por outro lado, ela promove o conhecimento dos outros sujeitos envolvidos na troca de experiências proporcionada pela roda, os quais não circulam necessariamente no território onde ela ocorre, mas podem contribuir com seus conhecimentos construídos a partir de suas próprias experiências. Na roda de conversa relatada neste artigo, este seria o caso dos pesquisadores (promotores e mediadores da roda), do artista convidado e do tradutor que estiveram presentes e que não são locais.

A roda de conversa é pensada, assim, para provocar uma troca de experiências vividas entre diferentes sujeitos participantes. Estas experiências são intermediadas por diferentes elementos, tais como suas vivências passadas, seus conhecimentos técnicos aprendidos durante as formações, suas crenças, suas expectativas de futuro, entre outros. Além disso, elas ocorrem na interação entre sujeitos, bem como entre eles e os vários constituintes do entorno que formam o território por onde circulam os sujeitos. Em outras palavras, sendo as experiências bastante específicas e subjetivas, tanto em relação aos sujeitos, quanto aos territórios, a roda de conversa oportuniza aos participantes uma diversidade de relatos de experiência únicos a serem compartilhados.

Deste modo, parte-se do princípio de que as populações das margens, principalmente em

ambientes urbanos de áreas periféricas do sistema mundo, produzem seus relatos ou narrativas sobre suas ações ou experiências a partir da sua interação com situações de riscos e de desastres, as quais estão assujeitadas por conta do processo social de construção de vulnerabilidades. Tais relatos versariam sobre as suas experiências de resistência e de luta vividas, mas que possam estar apontando ainda para seus projetos de futuro tanto como cidadãos quanto como comunidade. No âmbito da roda de conversa, os relatos vão versar sobre temáticas que, de alguma maneira, reverberam no território.

### ***3. A Rocinha como território de risco, de luta e de resistência***

Assim como em outros territórios, o processo de construção de riscos na Rocinha é complexo na medida em que ele trata da interconectividade de diversos elementos naturais que constituem o território, os quais foram desconsiderados pelo processo de urbanização como visto acima. A falta de um olhar cuidadoso para as especificidades dos territórios pode acarretar, num espectro de tempo, em uma insustentabilidade socioambiental que se traduz, na maioria das vezes, nas desigualdades sociais e na degradação dos ecossistemas locais, que no final reverberam nos sistemas globais como o climático, por exemplo.

O território da Rocinha está, originalmente, situado em uma área do bioma Mata Atlântica, localizando-se nas franjas do Parque Nacional da Floresta da Tijuca e pressionando os seus limites, principalmente na parte mais alta conhecida como Laboriaux, área de grande suscetibilidade a eventos ambientais adversos (MMA/ICMBIO, 2008).

---

Segundo o censo de 2010, a população da Rocinha era de 69.156 habitantes<sup>5</sup> em uma área ocupada de 0,846 km<sup>2</sup>, a qual passou para 0,844 km<sup>2</sup> em 2019 (IPP, 2021). A ocupação e expansão do bairro se deram sobre uma base biogeofísica caracterizada por maciços e afloramentos rochosos cobertos por um solo muitas vezes raso e instável em função da declividade, que, em alguns casos, era acentuada e com depósitos de colúvio (Id., 2021, p. 243). Algumas encostas se situam entre duas vertentes que formam uma espécie de vale bastante estreito, favorecendo um microclima com maior umidade e temperaturas mais altas (Kunz *et al.*, 2015).

Durante a primeira metade do século XX, a Rocinha esteve *afastada* do centro da cidade devido à dificuldade de acesso à área como um todo, apesar desta ser contígua à parte mais alta do bairro da Gávea, situado na Zona Sul da cidade. O problema da acessibilidade, juntamente com o fato de esta ser uma área de mata e com encostas íngremes do Morro Dois Irmãos e do Laboriaux (Leitão, 2007), pode ter contribuído, inicialmente, para um baixo interesse do mercado imobiliário do momento, o que favoreceu sua ocupação por uma população menos abastada. Iniciado nos anos 1910 com um loteamento para pessoas de baixa renda na área de uma antiga fazenda situada na Estrada da Gávea (Memória Rocinha, s.d.; Carvalho Filho, 2006), o seu processo de ocupação foi se intensificando por

conta da expansão da cidade do Rio de Janeiro em direção a Zona Sul e Zona Oeste. Isso ocorre em função de melhorias dos acessos à área pela Estrada da Gávea<sup>6</sup>, pela Avenida Niemeyer, e, mais intensamente, com a abertura do Túnel Dois Irmãos, parte da autoestrada Lagoa-Barra. Mais recentemente, vale citar a abertura da estação de metrô São Conrado como outro fator consolidando este processo.

A Rocinha se tornou bairro em 1992, dispondo hoje de um estatuto de Região Administrativa da cidade, mas cujo solo permanece ilegal na maior parte de seus espaços. A partir do Plano Diretor Sócio-Espacial da Rocinha de 2006 (Toledo, 2018), foram elaboradas várias ações de urbanização da Rocinha pelos atores estatais: saneamento, habitação, resíduos sólidos e entre outros, segundo o jornal local Fala Roça (2020). Assim sendo, a Rocinha se transforma com tais ações (Toledo, 2018) e o seu espaço físico é dividido em vários sub-bairros testemunhando essas mudanças<sup>7</sup>. A equipe do FACI (citado anteriormente) constatou ainda a verticalização da favela e o seu avanço adentrando a área da floresta (Gomes *et al.*, 2006). Neste contexto, uma nova representação social emerge: a favela como fator de degradação ambiental (Compans, 2007). Isso é ressaltado por Bautès *et al.* (2013) que alertam ainda para o fato de que esta nova representação possa estar sendo usada como pretexto para justificar remoções, caracterizando um processo

---

<sup>5</sup> Este valor é contestado por alguns agentes comunitários que estimam que a favela tenha, aproximadamente, 100 mil moradores (Memória Rocinha, s.d.).

<sup>6</sup> Às suas margens, o bairro vai se constituindo já que ela fazia a ligação da Gávea com São Conrado enquanto que a Niemeyer liga o Leblon com São Conrado, mas pela orla. O túnel Dois Irmãos desemboca no fundo do vale entre as duas encostas (Laboriaux e Morro dos Dois Irmãos), onde hoje também existe a estação de metrô que serve aos dois bairros, Rocinha e São Conrado, inaugurada em 2016.

<sup>7</sup> Para conhecermos melhor as transformações da Rocinha, as obras implementadas como o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), suas lutas e mobilizações de ontem e de hoje, consultamos o site <http://memoriarocinha.com.br> em janeiro de 2021.

---

de disputa territorial: “Em abril de 2010, chuvas torrenciais causaram centenas de mortes e enormes estragos no estado do Rio de Janeiro, oferecendo, principalmente à elite carioca, o pretexto ideal para iniciar uma nova época de remoções maciças em nome do risco” (Id., 2013, p. 154).

Seguindo um padrão comum a outras cidades ou regiões metropolitanas do país, a ocupação da Rocinha foi sendo feita em grande parte por uma mão de obra vinda do interior do país e do estado do Rio de Janeiro, ligada à atividade rural (CIESPI, s.d.). Tendo pouca qualificação para as atividades na cidade, estas pessoas se submeteram a trabalhos que, de uma forma geral, se caracterizavam por ser de baixa remuneração, de acordo com Carvalho Filho (2006). Este autor levanta a hipótese de que o uso de fogareiro ou de fogão à lenha pelos habitantes no início da ocupação possa ter contribuído para o desmatamento da área. Convivendo com a falta de infraestrutura, a vulnerabilidade socioeconômica e a violência, os habitantes foram ocupando o território com construções residenciais ou comerciais num padrão comum às áreas consideradas aglomerados subnormais, onde se observa a fratura entre o formal e o informal (Leitão 2007). Segundo este autor, as obras das edificações nestas áreas não seguem um projeto arquitetônico que respeite a legislação urbana. Além disso, fazendo um uso ou corte inadequado das encostas, elas são realizadas em etapas, em função da disponibilidade financeira, durando anos, e tendo assim a presença de “puxadinhos” para alojar familiares ou para cobrar aluguel e conseguir mais uma fonte de renda.

Portanto, a Rocinha se tornou um território complexo, resultado tanto das transformações do país e da própria cidade, bem como da diversidade de elementos implicados no processo de ocupação

do solo urbano. Tal complexidade revela uma conjugação de fatores biogeofísicos e sociais bem específicos a este território refletindo, no recorte temporal, tais transformações. Em essência, estas são uma resposta a demandas colocadas pelo processo de inserção do país no cenário internacional ocorrido durante séculos. Tal processo reforçou, através da industrialização e da urbanização na segunda metade do século XX, o papel periférico do país e da metrópole do Rio de Janeiro no sistema mundo. Esta interconectividade entre múltiplos fatores e dimensões é, assim, multiescalar.

Além disso, este cenário de complexidade está consequentemente interconectado ao processo de construção de riscos e de vulnerabilidades, influenciando, em última instância, a ocorrência de desastres, que neste território está principalmente ligada a deslizamentos de terra deflagrados pelas chuvas. Um dos primeiros registros de desastre na área data de 1966 e esteve relacionado às intensas chuvas de verão, acarretando perdas de bens materiais, desalojamentos, desabrigados e remoções. Este tipo de desastre se repetiu em diversos anos, como tipicamente ocorre nas encostas do Rio de Janeiro, destacando-se na Rocinha os de 1996 e 2010.

#### ***4. Narrativas e experiências: a roda de conversa na Rocinha como estratégia de interação entre os sujeitos***

##### *4.1. A roda de conversa: uma adaptação do método Photovoice com a participação de um artista visual*

O método *Photovoice* (Wang e Burris, 1997) parte da fotografia e da voz dos participantes da

---

pesquisa para conhecer as suas experiências e vivências, tratando-se da captação de um fenômeno em todas suas dimensões constitutivas como, no caso presente, os desastres. Utilizado como método de pesquisa-ação participativa, ferramenta e referencial teórico de promoção da saúde, o *photovoice* pode ser visto como outro modo de escuta que não o habitualmente empregado (Touso *et al.*, 2017) visto o uso da produção de fotografias e do debate sobre estas. De um ponto teórico, três ideias sustentam a proposta de Touso *et al.* (2017). A primeira é a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, já a segunda é abalizada pela teoria feminista (Butler, 1993) e a última se refere a um modo de fazer e de pensar a fotografia como um processo comunitário que deve ser utilizado como instrumento para mudanças sociais.

Inspirada pelas leituras de autores como Torre e Ferro (2016) e por experiências desenvolvidas no contexto da pesquisa de extensão AntropoArte<sup>8</sup> (Reginensi *et al.* 2020), foi organizada pelos autores do presente trabalho a roda de conversa na Rocinha. A roda de conversa reuniu seis representantes de movimentos sociais locais, além de três professores e pesquisadores universitários em torno do tema

do deslizamento de terra. A realização da roda de conversa foi possível graças à intermediação de um professor da PUC-Rio com um mestrando, morador da área, o qual facilitou a parceria com a ONG local Garagem das Letras. A partir de imagens sobre reassentamento, sistema de alerta e alarme, e solidariedade entre moradores, a roda se desenvolveu visando a troca de experiências vividas pelos participantes no contexto dos riscos e desastres da Rocinha.

Em paralelo, a discussão proporcionou estimular o olhar de um artista visual convidado no âmbito desta temática: o artista francês 2SHY<sup>9</sup>. O artista parte de uma formação como pintor de letras e desenvolve uma trajetória autodidata, explorando uma linguagem visual que oscila entre ilustrações, criações gráficas e fontes tipográficas feitas à mão. A história da sua produção se deu sempre trabalhando sobre diversos ambientes e suportes. Esta participação<sup>10</sup> tinha por objetivo deixar um legado artístico numa linguagem contemporânea que expressasse as reflexões da roda de forma a compartilhar com a comunidade local.

Partindo da premissa de que, embora a arte em si não forneça conhecimentos teóricos, ela transmite

---

<sup>8</sup> A pesquisa de extensão se iniciou em abril de 2017 tendo por objetivo contribuir para uma reflexão junto aos moradores da Margem da Linha, favela linear situada na cidade Campos dos Goytacazes, região do norte fluminense. Entre a experiência da imagem e a performance, a pesquisa trouxe interessantes cruzamentos entre arte, política e processo de urbanização, bem como o acesso diferenciado à cidade. A partir das produções colaborativas (performance, imagens e documentário) com os interlocutores da pesquisa, debateram-se a partilha do sensível e o dissenso (Ranciére, 2005).

<sup>9</sup> Para conhecer mais sobre as obras do artista, ver o site <http://www.2shywashere.com/acesso>, acesso em março de 2019.

<sup>10</sup> A vinda do artista ao Brasil foi organizada pelo projeto AntropoArte, visando uma série de ações para serem desenvolvidas ao longo das três semanas de sua estadia no estado do Rio de Janeiro. A programação do artista foi organizada em conjunto com diferentes parceiros. No Rio de Janeiro: Aliança Francesa / Tijuca, Garagem das Letras Rocinha. Em Campos dos Goytacazes: o Centro Juvenil São Pedro e seus educadores; Marcelo Gantos, diretor, na época, do centro das Ciências Humanas; as professoras Teresa de Peixoto Faria e Lilian Ságio Cezar que acompanharam a pesquisa AntropoArte de diversas maneiras ao longo do tempo. E, em Atafona, o cenário de erosão marinha foi uma residência na Casa Duna, Centro de Arte, Pesquisa e Memória de Atafona.

---

algo que está no registro da expressão emocional das experiências vividas, nos transportando para momentos da história, dos lugares, das realidades que não podemos experimentar diretamente. Em outras palavras, ela nos remete a experiência vivida. Bruck (2017) menciona o uso da força simbólica da arte para favorecer a compreensão de acontecimentos inesperados e a formação de atitudes no processo de retomada da capacidade de enfrentamento dos riscos de desastres. Portanto, por meio da arte, acredita-se que não precisamos vivenciar a situação de risco (neste caso de deslizamento) para experimentar sensações como tristeza, perda, revolta, indignação, alegria entre qualquer outra emoção. Além disso, vale lembrar Canclini (2012, p. 134-139) quando diz que o artista é um trabalhador que, tal como outros indivíduos e/ou coletivos, atua de forma estética, bem como política a partir de seus posicionamentos diante de problemáticas socialmente construídas, tais como a dos riscos e desastres.

Graças à intermediação de um intérprete da língua francesa, buscou-se, a partir dos relatos dos participantes da roda, oportunizar a criação de pictogramas em uma obra concebida e exposta na rua em frente à sede da ONG. Portanto, com base nos relatos feitos durante a roda, o olhar do artista começou a dialogar com o contexto da Rocinha.

#### *4.2. Narrativa dos sujeitos: as experiências cotidianas a partir da temática dos riscos e desastres*

A oficina começou com a apresentação dos presentes quando foi solicitado aos moradores o preenchimento do termo de consentimento de uso do conteúdo da atividade. Um dos mediadores

explicou a dinâmica da roda e, em seguida, foram projetadas, em data show, sete imagens sobre o tema dos desastres associados a deslizamentos (Figura 1). Estas imagens foram pré-selecionadas na internet pelos professores mediadores representando a temática central: desastres associados a deslizamentos em meio urbano.

A partir desta projeção, cada um dos moradores locais selecionou as duas fotos mais relevantes para eles, indicando uma palavra ou expressão para cada foto escolhida e usando notas adesivas para colocá-las em um quadro branco. Tendo sido informada a todos a foto mais votada pelo conjunto de moradores e as respectivas palavras citadas por cada um (em destaque na Figura 1), solicitou-se que os moradores comentassem sobre as escolhas das imagens e de palavras ou expressões, de modo a criar um debate entre eles, principalmente. As palavras associadas às imagens foram: mutirão, estado, deslizamento e destruição. A imagem mais votada se refere a uma encosta com várias casas destruídas por deslizamentos e, em primeiro plano, moradores procurando salvar parte de seus pertences. A imagem da baleia foi a última e introduziu o tema da sustentabilidade. A ideia que guiou a atividade foi de estar à escuta, tal como Touse *et al.* (2017) sugerem. O mesmo foi feito com as fotos que ficaram em 2º e 3º lugares (respectivamente, a remoção do corpo e a sirene na Figura 1).

As narrativas feitas pelos moradores trataram principalmente da ideia de mutirão e formas de solidariedade frente à ausência do Estado no território da Rocinha. Quando falam de mutirão, eles se referiram à força e ao protagonismo do povo, tal como a fala abaixo deixa transparecer: *Esse conceito “mutirão” me remete a muitas coisas, mas, sobretudo, ao protagonismo do povo organizado,*

*dos favelados e faveladas* (fala de R.11).

Além da omissão do Estado, eles citaram a inadequação das políticas públicas no tratamento da questão dos riscos e desastres, uma temática complexa que demanda uma capacidade de gestão intersetorial do poder público. Tal omissão do Estado parece estar se refletindo na indignação de ainda terem que contar corpos decorrentes dos eventos de chuvas intensas, tais como os ocorridos em fevereiro e abril de 2019 na Rocinha.

*Eu coloquei “omissão do estado”, tem tudo a ver com o que ele já falou. Vou tentar não ser repetitiva. Eu acho que a gente não quer mais contar corpos. Eu contei mais ou menos... foram ao menos 40 corpos em menos de três meses, pelas enchentes e tragédias que aconteceram em fevereiro e abril.* (fala de Si.)

O impacto psicológico causado pelos desastres é evidente na experiência vivida descrita acima, quando há a recusa em se contar os corpos ou ainda, como na narrativa abaixo, a moradora se remete a



FIGURA 1 – As imagens projetadas, sendo a maior a mais votada.

---

“marca” deixada pela morte de moradores: *[no] alto da favela, quase... encostado lá no morro Dois Irmãos [é] que teve a morte da Adriana, que teve toda uma união pra conseguir tirar as pessoas de baixo de onde estavam. Isso já marca* (Fala de Sy.).

Quando falaram em políticas públicas relacionadas à temática de redução do risco de desastres, eles focaram quase que totalmente em obras de contenção e propostas de remoção e menos em ações não estruturais. Ficou evidente na fala abaixo a resistência à remoção (prática frequentemente proposta pelo poder público em casos similares), quando lembram o Laboriaux, bairro da Rocinha: *(...) 1000 casas na área alta da Rocinha chamada Laboriaux foram ameaçadas de remoção total. E a gente se mobilizou, resistimos pra dizer: não, a gente quer participar. A gente tem o direito de permanecer aqui. A gente mora aqui há 30 anos* (fala de Si.).

Em contraposição, apontaram a necessidade de regularização fundiária, saneamento básico e drenagem. A participação citada no testemunho acima parece desvelar uma experiência cotidiana caracterizada pela desconsideração às demandas dos moradores em favor da não remoção ou realocação. Ou seja, revela a preferência pelo provimento de um território mais seguro com a mitigação do “risco da família”, tal como este termo é usado no testemunho abaixo a fim de evitar a (indesejada) remoção, com, por exemplo, acesso à moradia digna.

*A gente quer que elimine o risco da família, e não que remova ela. Se a gente sabe que é possível ficar ali, mesmo na área de encosta, tendo obra de contenção, então não precisa remover essas famílias. Elas podem desocupar por um período provisório, aí elas precisam ser incluídas no aluguel social digno, não de 400 reais, até que sejam feitas obras* (fala de Si.).

Pelo relato acima, as ações de realocação propostas pelo poder público não são apreendidas como uma alternativa na experiência vivida dos moradores em contexto de riscos de desastres. De fato, eles compreendem que, com obras estruturais, se evitaria o distanciamento dos sujeitos para áreas longínquas de seu território, ou seja, da história de vida de cada um. Vale chamar a atenção na fala acima para a noção de que o risco tem que ser eliminado completamente quando, na atualidade, deve-se trabalhar com a diretriz de redução de riscos através de ações estruturais e não estruturais.

Um outro elemento que surgiu do debate foram as narrativas de crítica às obras feitas, principalmente, nas bordas da comunidade, na vertente voltada para o bairro vizinho da Gávea, privilegiando, portanto, as áreas mais valorizadas ocupadas pelas classes mais abastadas da população. Isso desvela a segregação socioespacial das áreas urbanas reforçada pelas políticas públicas e por ações de redução do risco de desastres. Pelas narrativas da Rocinha, observa-se ainda que os discursos são críticos aos processos históricos de organização social que caracterizam o território, como apontado anteriormente por Kilomba (2019) no contexto de suas pesquisas.

Ao final da roda de conversa, foi apresentada a última foto representando a ideia de sustentabilidade quando se pediu que a mesma fosse comentada pelos moradores. Nesse momento, o artista 2SHY fez seus comentários sobre o que foi discutido durante a roda, destacando sua surpresa com os investimentos em “sirenes que anunciam desgraças” em detrimento de ações preventivas de desastres. A partir de então, ele iniciou a produção da obra de arte, em forma de painel de grafite, para expressar o que percebeu da conversa. Depois disso, um dos

mediadores falou sobre o que percebeu de toda a conversa, fez as suas considerações e os participantes comentaram sobre a sua fala. A atividade da roda de conversa terminou nesse ponto, com uma duração de aproximadamente duas horas e tendo como foco dar oportunidade de fala aos atores locais, mostrando-se, portanto, adequada para o objetivo inicial do trabalho.

#### 4.3. A obra do 2SHY: tradução em arte da situação de risco de deslizamento

A Figura 2 mostra a participação do artista na roda de conversa, momentos da realização de sua obra e a criação final. A obra é composta por pictogramas que, segundo a fala do artista, têm os seguintes significados (iniciando pelo pictograma superior à direita): o posicionamento “incerto” (*sic*)



FIGURA 2 – O artista na roda de conversa e na rua no processo da criação dos pictogramas.

---

das casas nos morros; a água relacionada ao perigo dos deslizamentos; os cabos de energia que podem ser afetados pelas chuvas e deslizamentos; o impacto dos deslizamentos; a sirene associada ao perigo; um grupo de pessoas se ajudando em mutirão na situação de desastre; uma ferramenta representando a fase de reconstrução após os deslizamentos; o resgate e o cuidado com os feridos afetados pelos deslizamentos; o pássaro representando a paz e a coragem para a reconstrução.

Tal como expresso na arte criada (Figura 2), o trabalho do artista 2SHY permitiu estabelecer uma relação particular de um saber que une a dimensão estética e emocional à política, contribuindo assim para a promoção de atitudes e comportamentos no processo de enfrentamento dos riscos de desastres (Bruck, 2017). Neste sentido, a criação artística pode funcionar como um elemento que venha contribuir para estimular a promoção da cultura de redução de riscos de desastres.

## 5. Conclusão

E ao final da experiência? Em resumo, optamos por descrever a experiência no contexto socioespacial de uma favela carioca com suas especificidades em função do todo no qual ela se insere. Ficou evidente que a Rocinha é um universo cujos moradores, junto com agentes externos, produzem reflexões e conhecimentos sobre as suas condições de vida e lutam no cotidiano para melhorar esta situação, na qual se insere o tema

dos riscos associados a deslizamentos. Optou-se ainda por apresentar a obra do artista 2SHY como um dos resultados da roda de conversa que, mesmo não sendo replicável, deixou um legado que pode ser explorado pela população local em processos de educação para redução de riscos de desastres. A sua criação artístico-visual registrou vários elementos que foram expressos no debate oportunizado pela roda de conversa com base na interação entre os mediadores-organizadores da roda e os moradores com suas experiências vividas e saberes cotidianamente construídos sobre a sua realidade.

A experiência da roda de conversa foi descrita e analisada a partir de um “antes”, um “durante” e um “depois” da produção artística com a explicação do 2SHY aos participantes da roda<sup>11</sup> sobre cada pictograma que constitui sua obra. Sendo assim, a roda de conversa esteve incorporada na reflexão sobre as questões envolvidas nos desastres associados ao deslizamento, contando com a contribuição e o olhar dos seus participantes além da criação artística. Como a arte, muitas vezes, tem o potencial de transmitir ideias e significados para além das sentenças gramaticais, acreditamos que este tipo de encontro possibilita a propagação de imagens e imaginários diferenciados, ajudando a refletir sobre as implicações históricas de decisões políticas e ambientais.

Tal experiência permitiu ainda cruzar elementos da etnografia, da sociologia dos riscos e desastres, da engenharia, da arte e da política. A obra artística final foi criada com base nas experiências vividas no território e nas discussões entre os par-

---

<sup>11</sup> A experiência também resultou na produção de um vídeo, disponível em <https://vimeo.com/429650039>, que pode ser acessado com a senha: rocinha2shy2019.

---

participantes da roda e pode ser, portanto, apreendida como um registro de cunho político, funcionando como uma contribuição para a reflexão sobre a luta e a resistência local frente às decisões políticas e ambientais tomadas em geral sem a sua participação e/ou consulta.

Em função da experiência oportunizada na Rocinha, a estratégia metodológica da roda de conversa se mostra como forma de aproximação, por parte de pesquisadores e de outros atores, de uma realidade caracterizada por injustiças socioambientais, inclusive envolvendo situações históricas de riscos de desastres. No entanto, o seu emprego pode e deve ser mais explorado, tanto neste, como em outros territórios, com o intuito de trazer mais robustez a tal estratégia metodológica. A opção pelo seu emprego pretendeu trazer experiências locais capazes de melhor compreender o processo de construção de riscos de desastres em ambiente urbano, o qual é atravessado por políticas públicas que pouco contemplam as demandas da população afetada. Isso foi possível de se observar através das falas dos participantes da roda na Rocinha a partir do uso desta proposta metodológica, quando tais falas se caracterizaram por serem discursos críticos aos processos históricos de ordenamento territorial do território.

A roda de conversa na Rocinha apontou ainda que a arte pode ser mais um recurso para a educação para a redução dos riscos de desastres na medida em que ela registra, para outros sujeitos refletirem, a percepção das problemáticas que afetam a população. Nesta perspectiva educacional e política, a roda de conversa pode ser apreendida finalmente como uma contribuição para a emancipação dos diferentes sujeitos nela envolvidos, na medida em que proporciona um momento de interação reflexiva

entre os mesmos a partir de suas experiências vividas de luta, de resistência e de produção de saberes.

### *Agradecimentos*

Agradecemos especialmente: a Gaby Rocha, pela composição dos mosaicos a partir das imagens produzidas durante a roda de conversa; a Pascal Rubio, intérprete que acompanhou a vinda do artista na Rocinha, permitindo ao artista e aos participantes algumas trocas; ao Espaço Ciência Viva; à FAPERJ, à FAPES e ao CNPq.

### *Referências*

Alcantara-Ayala, I.; Altan, O.; Baker, D.; Briceño, S.; Cutter, S.; Gupta, H.; Holloway, A.; Ismail-Zadeh, A.; Diaz, V. J.; Johnston, D.; McBean, G.; Ogawa, Y.; Paton, D.; Porio, E.; Silbereisen, R.; Takeuchi, K.; Valsecchi, G.; Vogel, C.; Wu, G.; Zhai, P. *Disaster risks research and assessment to promote risk reduction and management – summary for policymakers*, 2015. Disponível em: <[https://www.preventionweb.net/files/43219\\_sciencefordrrsummaryfor-policymakers.pdf](https://www.preventionweb.net/files/43219_sciencefordrrsummaryfor-policymakers.pdf)>. Acesso em: fev. 2021.

Bautès, N.; Fernandes, L.; Burgos, M. Entre confrontos e desafios na construção da legitimidade popular: algumas perspectivas sobre os movimentos de resistências em favelas do Rio de Janeiro. *Libertas – Revista da Faculdade de Serviço Social*, 13(2), p.1-33, 2013. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00930220>

Beck, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2011.

Bruck, N. R. V. Desnaturalização de catástrofes: as artes na prevenção e mitigação. In: *Anais do IV Congresso Internacional de Riscos – Riscos e Educação*. Coimbra, 2017.

Butler, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. London: Routledge, 1993.

- Canclini, N. G. *A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- Carvalho Filho, S. de A. A favela da Rocinha: a memória de velhos e velhas na luta contra a vulnerabilidade social (1930-1993). In: *Anais do XII Encontro Regional de História – Usos do Passado*. Niterói, 2006. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Silvio%20de%20Almeida%20Carvalho%20Filho.pdf>
- CEPED – Centro de Estudos e Pesquisas em Engenharia e Defesa Civil; UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. *Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2012*. Florianópolis: CEPED-UFSC, 2. ed., 2013. Disponível em: <https://s2id.mi.gov.br/paginas/atlas>
- Certeau, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CIESPI – Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância. *Identificação e localização*, s.d. Disponível em: <http://www.ciespi.org.br/Projetos/Concluidos/Cartografial/Historico-Rocinha-1038>. Acesso em: jan. 2021.
- Compans, R. A cidade contra a favela: a nova ameaça ambiental. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 9(1), 83-99, 2007. doi: 10.22296/2317-1529.2007v9n1p83
- Fala Roça. *Imagens revelam como ficará a Rocinha em 5 anos, segundo governo*, 2020. Disponível em: <https://falaroca.com/imagens-obras-rocinha>. Acesso em: fev. 2021.
- Ferdinand, M. *Une écologie décoloniale: penser l'écologie depuis le monde caribéen*. Paris: Le Seuil, 2019.
- Fernandes, M. C.; Lagüens, J. V. M.; Coelho Netto, A. L. O processo de ocupação por favelas e sua relação com os eventos de deslizamentos no Maciço da Tijuca/RJ. *Anuário do Instituto de Geociências–UFRJ*, 22, 45-59, 1999. doi: 10.11137/1999\_0\_45-59
- Finlay, P. J.; Fell, R. Landslides: risk perception and acceptance. *Canadian Geotechnical Journal*, 34, 169-188, 1997. doi: 10.1139/t96-108
- Freitas, L. E.; Coelho Netto, A. L. Gestão de riscos de desastres relacionados a deslizamentos sob a perspectiva da ecologia de saberes: desafios à rede para gestão de riscos da bacia do Córrego D'Antas. *Territorium*, 29(I), 99-118, 2022. doi: 10.14195/1647-7723\_29-1\_9
- GEORIO – Fundação Instituto de Geotécnica do Município do Rio de Janeiro. *Os 50 maiores acidentes geológico-geotécnicos na cidade do Rio de Janeiro entre 1966 e 2016*, s.d. Disponível em: [https://www.rio.rj.gov.br/documents/11235825/11236874/50\\_MAIORES\\_ACIDENTES\\_A5\\_.pdf](https://www.rio.rj.gov.br/documents/11235825/11236874/50_MAIORES_ACIDENTES_A5_.pdf). Acesso em: fev. 2021.
- Gomes, M. F. C. M.; Pelegrino, A. I. de C.; Reginensi, C.; Fernandes, L. L. *Desigualdade e exclusão nas metrópoles brasileiras: alternativas para seu enfrentamento nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: HP Comunicações & Arco-Iris, 2006.
- Gonçalves, R. S. O direito e a origem das favelas cariocas. In: *Anais do XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (XI ENPESS)*. Rio de Janeiro, 2010.
- Hallegatte, S.; Vogt-Schilb, A.; Mook, B.; Rozenberg, J. *Unbreakable: building the resilience of the poor in the face of natural disasters*. Washington, DC: World Bank, 2017. doi: 10.1596/978-1-4648-1003-9
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Guia do censo / Glossário*, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/glossario.html>. Acesso em: fev. 2021.
- IPP – Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. *Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN)*, 2021. Disponível em: <https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa-77892acb358540>. Acesso em: jul. 2021.
- Kilomba, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- Kunz, M.; Ramos, R. A.; Luz, B. M. da; Neckel, A.; Faustini, L. Geotecnologias aplicadas na modelagem matemática de riscos naturais geomorfológicos: um estudo de caso da Rocinha/RJ – Brasil. In: *Anais do 4º Seminário Nacional de Construções Sustentáveis*. Passo Fundo, 2015. Disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/Geotecnologias%20aplicadas%20na%20modelagem%20matem%C3%A1tica%20de%20riscos%20naturais.pdf>
- Leff, E. *Racionalidade ambiental: a reapropriação social*

- da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Leitão, G. Transformações na estrutura socioespacial das favelas cariocas: a Rocinha como um exemplo. *Cadernos Metrópole*, 18, 135-155, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/8733>
- Marchezini, V. Redução de vulnerabilidade a desastres: dimensões políticas, científicas e socioeconômicas. In: Valencio, N. (Ed.). *Waterlat-Gobacit network working papers: thematic area series SATAD – TA8 – water-related disasters*. Newcastle upon Tyne: Newcastle University, p. 82-102, 2015. Disponível em: <http://waterlat.org/WPapers/WPSATAD217.pdf>.
- Memória Rocinha. *Linha do tempo – a Rocinha se transforma*, s.d. Disponível em: <http://memoriarocinha.com.br>. Acesso em: jan. 2021.
- Mendonça, M. B.; Gullo, F. T. Landslide risk perception survey in Angra dos Reis (Rio de Janeiro, southeastern Brazil): a contribution to support planning of non structural measures. *Land Use Policy*, 91, 2020. doi: 10.1016/j.landusepol.2019.104415
- MMA - Ministério do Meio Ambiente; ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Parque Nacional da Tijuca – plano de manejo*, 2008. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/parna\\_tijuca\\_pm.pdf](https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/parna_tijuca_pm.pdf). Acesso em: fev. 2021.
- Morin, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- Oliver-Smith, A.; Alcántara-Ayala, I.; Burton, I.; Lavell, A. A construção social do risco de desastres: em busca das causas básicas. In: Marchezini, V.; Wisner, B.; Londe, L. R.; Saito, S. M. (Eds.). *Reduction of vulnerability to disasters: from knowledge to action*. São Carlos: RiMa Editora, 2017. p. 99-114. Disponível em: <https://www.preventionweb.net/publications/view/56269>
- Rancière, J. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- Reginensi, C.; Sagio, C. L.; Pereira, D. J. Antropologia, arte e compartilhamento de saberes sobre a cidade: encontros, caminhadas e produção audiovisual em projeto de pesquisa e extensão universitária. *Teoria e Cultura*, 15(3), 52-66, 2020.
- SAGMACS – Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais. Aspectos humanos da favela carioca. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Especial 1, 13 de abril de 1960.
- Santos, B. de S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- Toledo, L. C. Vamos falar da Rocinha. Aprendendo com a comunidade. *Drops*, 132(6), 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/19.132/7110>.
- Torre, E.; Ferro, L. O Porto sentido pelo graffiti: as representações sociais dos habitantes do Porto sobre as peças de graffiti d(n)a sua cidade. *Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará*, 47(1), 123-147, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revciensol/article/view/5681>.
- Touso, M. F. de S. *et al.* Photovoice como modo de escuta: subsídios para a promoção da equidade. *Ciência Coletiva*, 22(12), 3883-3892, 2017. Disponível em: doi: 10.1590/1413-812320172212.25022017.
- UNISDR - United Nations Office for Disaster Risk Reduction. *Sendai framework for disaster risk reduction 2015-2030*, 2015. Disponível em: [http://www.wcdrr.org/uploads/Sendai\\_Framework\\_for\\_Disaster\\_Risk\\_Reduction\\_2015-2030.pdf](http://www.wcdrr.org/uploads/Sendai_Framework_for_Disaster_Risk_Reduction_2015-2030.pdf). Acesso em: fev. 2021.
- Valencio, N. Da ‘área de risco’ ao abrigo temporário: uma análise dos conflitos subjacentes a uma territorialidade precária. In: Valencio, N.; Siena, M.; Marchezini, V.; Gonçalves, J. C. (Orgs.). *Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora, p. 34-47, 2009a.
- Valencio, N. Da morte da Quimera à procura de Pégaso: a importância da interpretação sociológica na análise do fenômeno denominado desastre. In: Valencio, N.; Siena, M.; Marchezini, V.; Gonçalves, J. C. (Orgs.). *Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora, p. 1-18, 2009b.
- Valencio, N. Natural disasters as a symptom of a disputable development: considerations on the Brazilian institutional

---

vulnerability. *Terrae*, 7(1), 14-21, 2010. Disponível em: [https://www.ige.unicamp.br/terrae/V7/PDF-N7/a2\\_t7\\_pb-FormU.pdf](https://www.ige.unicamp.br/terrae/V7/PDF-N7/a2_t7_pb-FormU.pdf)

Valladares, L. do P. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Wang, C.; Burris, M. A. Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*, 24(3), 369-387, 1997. doi: 10.1177/109019819702400309

Wisner, B. *et al. At risk: natural hazards, people's vulnerability and disasters*. London/New York: Routledge, 2004.

Wisner, B. Vulnerability as concept, model, metric, and tool. In: Benouar, D. *et al.* (Eds.). *Oxford research encyclopedia of natural hazard science*, 2016. doi: 10.1093/acrefore/9780199389407.013.25